

Parte I – Reflexões teórico-metodológicas

5 - Videoteca da mulher. Mas afinal, vídeos para quem?

Clarice Ehlers Peixoto

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

PEIXOTO, CE. Videoteca da mulher. Mas afinal, vídeos para quem? In: MONTEIRO, S., and VARGAS, E. orgs. *Educação, comunicação e tecnologia educacional: interfaces com o campo da saúde* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006, pp. 113-127. ISBN: 978-85-7541-533-7. Available from: doi: [10.7476/9788575415337](https://doi.org/10.7476/9788575415337). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/9n7jy/epub/monteiro-9788575415337.epub>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

5. VIDEOTECA DA MULHER. MAS AFINAL, VÍDEOS PARA QUEM?

Clarice Ehlers Peixoto

A coleção Videoteca da Mulher tem a chancela do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM) e foi organizada, em 1996, para comemorar o Dia Internacional da Mulher. Mais do que isso, “é um tributo que o CNDM presta a artistas mulheres, uma contribuição aos conselhos estaduais e municipais, às redes organizadas e a grupos de indivíduos que, por meio desses vídeos, queiram alargar o âmbito do debate sobre a mulher”, diz Rosiska Darcy de Oliveira, então presidente do CNDM, na apresentação da coleção. Como felicitação pelo dia 8 de março, as mulheres que lideram as inúmeras instituições e organizações espalhadas pelo país foram presenteadas com a coleção completa da videoteca. Um presente útil, já que se trata de um “instrumento de trabalho, de reflexão, também de prazer”.

São 14 vídeos produzidos fundamentalmente por instituições, grupos e organizações não-governamentais¹ voltadas para as principais questões que afetam as mulheres. Eles abordam, assim, temas como sexualidade, saúde feminina, doenças sexualmente transmissíveis, trabalho doméstico, e outros mais. Como tratam de questões múltiplas e são realizados por Grupos/ONGs com interesses diversos e, além disso, vários receberam apoio de instituições nacio-

¹ Os vídeos foram produzidos por aproximadamente dez entidades diretamente vinculadas ao movimento feminista: Comunicação em Sexualidade (Ecos), Instituto de Ação Cultural (Idac), Rede de Desenvolvimento Humano (Redeh), Geledês, Instituto da Mulher Negra, S.O.S. Corpo, Instituto Feminista para a Democracia, Grupo Transas do Corpo, Cemina – Comunicação, Educação e Informação em Gênero, Centro Educacional de Desenvolvimento Integrado (Cedi), Centro de Atividades Culturais, Econômicas e Sociais (Caces), Comulher/Comunicação Mulher, Centro de Informação da Mulher (CIM), Programa Integrado de Marginalidade (PIM) e Grupo Curumim. Algumas produziram mais de um vídeo, outras formaram um *pool* de onze ONGs. Duas, Instituto de Estudos da Religião (Iser) e Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase), estão ligadas à educação de base. Nas referências, as fichas técnicas dos vídeos, incluídas as entidades que os produziram.

nais e internacionais² que têm objetivos específicos, não é de estranhar que estes vídeos recorram a formas de apresentação da informação bastante diferenciadas: uns adaptam contos infantis (Chapeuzinho Vermelho e o Lobo Mau, Rapunzel...) ou lançam mão de personagens de circo (palhaço); outros usam fotografias e cenas de filmes ou imitam os jornais televisivos; e há aqueles que roteirizam estórias ficcionais. Outros ainda trabalham com uma combinação de elementos narrativos e visuais – animação computadorizada, música, *performances* libidinosas – que dificulta a apreensão da informação. Se vários destes vídeos entrevistam mulheres e especialistas (somente) da área da saúde, a maioria, contudo, usa e abusa de sofisticado texto discursivo (narração). A inserção de entrevistas, a narração didática, a apresentação de estatísticas são, em geral, ingredientes importantes dos vídeos educativos e estes não fogem à regra.

Mergulhei nesse panorama diverso ou caleidoscópio de imagens, procurando dissecar e entender o conteúdo desse presente, empacotado para servir como “instrumento de trabalho, de reflexão, também de prazer”. Suponho, assim, que a Videoteca da Mulher tem uma função educativa, mas, sobretudo, um caráter profundamente intervencionista.

SOBRE A VIDEOTECA DA MULHER³

Considerando que a videoteca “faz parte do projeto educativo do CNDM, onde educação e cultura se alimentam mutuamente”, como especificado no catálogo, os vídeos que a compõem foram, então, produzidos para efeitos educativos e como meio de intervenção. Ora, a imagem, como a escrita, é arte de difícil elaboração. A aparente facilidade do registro videográfico leva a crer que a realização de um vídeo educativo é tarefa simples, dado que o manejo da câmara vem-se tornando menos complexo e seu custo mais acessível. Essa ausência de dificuldade técnica explica o aumento expressivo de *videomakers*,

² Ministério da Saúde através do PNDST/Aids, PNC-DST ou Fundação Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (Unifem) e de agências internacionais como Fundação Desenvolvimento das Nações Unidas para a Infância (Unicef) e Fundação MacArthur e Fundação Ford.

³ Alguns vídeos desta coleção foram analisados por Vargas e Siqueira (1999) sob a ótica da sexualidade e do corpo.

cuja tentação em produzir um estoque de imagens põe em risco a produção de sentido no resultado final do trabalho imagético. Assim, se considerarmos que a finalidade do vídeo educativo é de tornar a informação compreensível através de um outro meio de difusão que não o texto escrito, uma das interrogações recai sobre sua capacidade para divulgar informações específicas a um ‘público-alvo’, uma vez que não se pode avaliar exatamente a reação que este terá: será que essas informações constituem um veículo de acesso ao conhecimento ou, ao contrário, elas não conseguem atrair o interesse do espectador?

O fundamental nos filmes educativos é compartilhar conhecimentos, fazendo com que o espectador compreenda o saber transmitido e, para isso, as regras de estética cinematográfica devem ser aplicadas em toda e qualquer temática abordada, independentemente do público para o qual o vídeo se dirige, pois, além do aprendizado, a noção de prazer está implícita na visualização de um filme ou vídeo. Ou será que o prazer em aprender é incompatível com a narrativa audiovisual, e o prazer fílmico está atrelado somente à narrativa ficcional? Sem dúvida, a informação narrativa

tem um lugar certo na comunicação, ainda que não tenha tido um desenvolvimento significativo nas atuais mídias interativas (...). A ‘informação narrativa’ reproduz os elementos que extrai do contexto social, traduzindo-os em um conjunto coerente para o receptor. (Bélisle, 1986: 135)

Nesse sentido, o que forma conjunto nesses 14 vídeos são as questões abordadas: ‘sexualidade’ e ‘saúde reprodutiva da mulher’. O que destoa é a diversidade do tratamento imagético dado a essas temáticas. Mais do que isto, é a predominância do que denominamos ‘informação não narrativa’, ou seja, a composição de elementos justapostos – miscelânea de imagens e informações – e a pressuposição de que o receptor tenha familiaridade com a informação veiculada.

Vejam, por exemplo, os títulos de alguns vídeos da coleção: *Todos os dias são seus*, *Contos modernos* e *Mão na massa*. São títulos que não fornecem elementos suscetíveis de impressões que possam sensibilizar o público ao qual se dirige. Há os que sugerem o estilo da narrativa, como *A magia da sobrevivência* (a ideia de sobrevivência está fortemente ligada ao cinema-documentário dos anos 60) ou *Acorda Raimundo... acorda* (exemplo de uma narrativa ficcional). Difícil, no entanto, descobrir, antes de visualizar, que estes dois vídeos tratam, respec-

tivamente, do cotidiano de parteiras tradicionais que vivem em localidades distantes e da inversão de papéis domésticos e conflitos familiares em uma família operária fictícia. Há, contudo, aqueles que são mais diretos, objetivos ou impactantes, como *Aborto legal* e *Por que Cesária?*, por exemplo; outros são mais insinuantes e seus títulos sedutores certamente atraem a curiosidade do público, como *Transas do corpo*, *Vênus de fogo* ou *Sexo, giz e apagador*. Mas, o que dizer de títulos como *Controle de qualidade* e *Os tecnozeus*?

Inspirada em Tisseron (1997:102), quando diz que “toda imagem, antes de significar qualquer coisa, é um espaço aberto que nos convida a nela entrar e passear”, analisei o acervo da videoteca procurando perceber o tratamento imagético dado a informação com finalidade educativa.

AFINAL, O QUE DIZER DO QUE SE VÊ?

Considerando que a coleção Videoteca da Mulher foi elaborada para ser distribuída às entidades públicas e privadas que atuam nos campos da saúde reprodutiva e da sexualidade, tendo por finalidade transmitir conhecimentos, divulgar experiências e ações preventivas, proponho analisar estes vídeos a partir dessas considerações e segundo alguns critérios caros à antropologia visual. Ou seja, uma vez que realizar um vídeo não é simplesmente transferir questões e problemáticas para a tela, é preciso então ter bem claro o quê, por quê, como, para quê e para quem filmar ou videografar (Peixoto, 1998), pois, a imagem é portadora de um valor comunicativo, capaz de transmitir mensagens intencionais entre aquele que a produz e aquele que a recebe. Assim, para desenvolver o conjunto das dimensões sociais, cognitivas e afetivas é indispensável lançar mão de modos de apresentação que possibilitem uma apropriação operacional do conhecimento. Nesse sentido, o vídeo educativo tem a vantagem de ser um instrumento de sensibilização e de familiarização, permitindo o acesso direto ao conjunto das informações, cuja coerência deve ser assegurada conforme a problemática tratada (Bélisle, 1986).

A maioria dos vídeos dessa coleção, pautados em uma narrativa documental, alterna o discurso do *expert* com a experiência vivenciada por mulheres, principalmente aqueles que tratam de questões ligadas à reprodução.

Percebe-se, assim, a veiculação de um discurso duplo: aquele mais frio e sofisticado dos especialistas que falam de técnicas, tratamentos/experimentos etc., e aquele mais simples, claro e emocionado de mulheres que viveram as experiências narradas pelos especialistas da saúde.

Nesse sentido, há vídeos que procuram atingir um público constituído por mulheres de todas as camadas sociais, enquanto outros são nitidamente dirigidos às mulheres das camadas médias como, por exemplo, *Por que cesária?*. Pois, exceto uma depoente, as demais pertencem às camadas médias e suas experiências e preocupações são inerentes à camada social a qual pertencem. E, portanto, a segunda cena de abertura do vídeo⁴ mostra uma mesa de botiquim com um velho sambista tocando cavaquinho... Eis que chega uma mulher grávida, aparência de classe média, beija o sambista e senta. No segundo plano dessa seqüência, a mesma mulher já está nadando em uma piscina e fazendo ginástica em um jardim...

Os vídeos que compõem a Videoteca da Mulher são de curta-metragem (mínimo de 9 minutos e máximo de 30 minutos) e se dividem entre aqueles que usam a narrativa ficcional para sensibilizar as espectadoras sobre as questões de que tratam, como *Acorda Raimundo... acorda*, *Vênus de fogo*, *Contos modernos*, *Todos os dias são seus* e *Sexo, giz e apagador*, e os que se apóiam na narrativa documental para transmitir conhecimento sem lançar mão de estereótipos ou abusar de *performances* e encenações, como *Os tecnozeus*, *Retratos de mulher*, *Aborto legal*, *A magia da sobrevivência*, *Mão na massa*, *Em busca da saúde*, *Transas do corpo* e *Por que cesária?*.

Impossível analisá-los em bloco, tal a diversidade narrativa dos vídeos que compõem essa coleção. Não tenho, contudo, a intenção de analisar um a um, pois certamente seria enfadonho para o leitor(a). Passemos, assim, a discussão daqueles que me parecem significativos a respeito das questões que abordam, de como as tratam imagetivamente para o público ao qual, creio, se dirigem.

Assim, diria que o vídeo *Controle de qualidade* fica na fronteira que separa a ficção do documentário: a seqüência inicial é a encenação de uma relação sexual, seguida de entrevistas e cenas extraídas de documentários ou reportagens

⁴ O vídeo tem início com um parto de cesariana: corte do ventre ao som de batimentos cardíacos.

televisivas. Soma-se a isso, a narração *off*, melodramática, que expressa um discurso profundamente feminista sobre a interrupção da gravidez e as novas tecnologias reprodutivas *versus* a exclusão social. A narrativa força uma dramatização que, certamente, rompe com a possibilidade de transmitir a mensagem que está por trás dessa representação feminista. Este é também o caso de *Retratos de mulher*, um vídeo que apresenta, a partir de fotografias seqüenciais, histórias de mulheres brasileiras desde a época do Descobrimento: da mulher-índia e mulher-escrava à mulher-operária, à dona de casa ou à feminista. Não fosse o teor poético-militante da narração das histórias, diria que é um dos vídeos, dessa coleção, que mais se aproxima à linguagem do cinema-documentário. Já *A magia da sobrevivência* é um vídeo de intervenção que utiliza uma narrativa próxima ao vídeo-reportagem. Intervenção porque pretende, ao abordar a questão das parteiras domiciliares tradicionais *versus* a obstetrícia hospitalar, disseminar o conhecimento tradicional e “garantir a continuidade de sua prática”. E reportagem porque mostra superficial e rapidamente o cotidiano das parteiras nas cidades do interior brasileiro, a dificuldade do trabalho nos lugares distantes, suas práticas e representações. Ele, sem dúvida, trás à tona um debate instigante sem aprofundá-lo e deixa em aberto a questão do público-alvo: a quem se dirige?

Os vídeos educativos necessitam não somente prender a atenção do espectador(a), mas principalmente sensibilizá-lo(a) para o debate das questões tratadas. Se por um lado, a narração formal como veículo explicativo, em tom austero e distante, etnocêntrico ou tendencioso/militante, pode despertar pouco interesse e curiosidade do espectador(a), contribuindo para o insucesso da proposta educativa; por outro, o tom de galhofa e até anedótico de uma encenação circense – *Sexo, giz e apagador* – ridiculariza a informação, menosprezando a capacidade de compreensão da mensagem pelo receptor ou mesmo imbecilizando-o. Considerando que este vídeo faz parte de um projeto de capacitação de professores para a educação sexual, tomar um palhaço como personagem principal que ironiza e até debocha de situações e pessoas (inclusive professores) é um recurso precário e ineficiente quando se pretende sensibilizar um grupo etário tão particular, como os adolescentes. Se o vídeo foi realizado para dar suporte aos professores(as) nas aulas de educação sexual, ele ignora completamente a linguagem da juventude, seus conhecimentos

sobre as novas tecnologias de comunicação e a seriedade que atribuem à sua iniciação sexual.

Vejam os outros exemplos: o vídeo *Acorda Raimundo ... acorda* aborda os conflitos domésticos no interior de uma família operária, através de uma narrativa ficcional.⁵ Os atores são conhecidos do público feminino, pois atuam em novelas televisivas. Isto reforça, de imediato, o caráter irreal da informação transmitida. A trama, do gênero comédia, gira em torno da divisão das tarefas domésticas na qual os papéis tradicionalmente atribuídos à mulher e ao homem estão invertidos: a mulher é a provedora da família, e como todo estereótipo machista, é operária em uma oficina de automóveis (só não vive suja de graxa); ao marido cabe cuidar da casa e parir. O vídeo lança mão de todos os estereótipos: a mulher/homem é autoritária, bebe no botequim com as amigas, chega em casa bêbada e bate no marido/mulher, que, enquanto isso, faz as tarefas domésticas e cuida dos filhos (os meninos brincam com bonecas...). Tudo não passa de um pesadelo: o despertador soa, o casal acorda, e o marido/mulher retoma seu papel anterior exigindo o café pronto, a roupa passada e dando um trocado para as compras. A mensagem é clara: um alerta contra o machismo dominante nas relações conjugais. Se essa foi uma estratégia de comunicabilidade criada para transmitir a informação e despertar as mulheres do jugo conjugal, o apelo à comichão desloca o modo de ver e de receber a mensagem, correndo o risco de ser interpretada como pura ficção!

Vale lembrar que o público a que se destinam os vídeos da Videoteca da Mulher deve ser considerado como um grupo social específico e, principalmente, feminino. O enfoque de *Acorda Raimundo... acorda* é feminista. Mas, para quais mulheres ele se dirige?

O artigo de Laura Mulvey – “Visual pleasure and narrative cinema”, publicado em 1975 na revista *Screen* – suscitou uma grande controvérsia nos estudos sobre mídia, e a reflexão sobre as interações entre texto/contexto e o público feminino foi rapidamente assimilada pelos estudos de tipos emissão e audiência que a televisão realizava:

a novela se impõe naturalmente como a emissão que, depois do início da indústria cultural, procura e encontra a maior acolhida junto às es-

⁵ Roteiro baseado na rádio-novela de José Inácio Lopez Vigil.

pectadoras (de certas camadas sociais). Estes estudos mostram como a novela se aproxima das expectativas destas espectadoras, respondendo às responsabilidades, às tensões e às rotinas cotidianas ligadas ao contexto de suas vidas familiares, às competências tradicionalmente associadas ao seu estatuto no âmbito do casal e da casa. (Mattelart, 1997: 86)

Será, então, que uma informação veiculada de forma tão estereotipada como vemos em *Acorda Raimundo... acorda*, sensibilizaria as mulheres de todas as idades, atividades, cores e credos ou está dirigida somente às mulheres ‘de certas camadas sociais’?

Há, nesta coleção, um vídeo que desperta alguma curiosidade e muitas dúvidas sobre a intenção de seus produtores : *Vênus de fogo*, nome atribuído à loteria do prazer, ou melhor, à Gozoteca⁶ que sorteia camisinhas estreladas entre seus clientes, com direito a uma noite de prazer. Durante 36 minutos assistimos ao personagem masculino principal ‘Celso Aids’ – o ‘arrastão virótico’ ou ‘esperma profético’ – contaminar e assassinar prostitutas nos bordéis e ruas da cidade. Cenas de mulheres dançando em roda de fogo, de *strip-tease*, de *ménage à trois* e cópulas diversas, editadas com outras que apresentam rituais de devoção macabros, repórteres televisivos entrevistando policiais (Hugo Carvana é o delegado) e reuniões de cafetinas⁷ para discutir o uso sistemático da caminha entre as prostitutas e o conseqüente recrudescimento dos negócios dos bordéis (sexo seguro). Estas seqüências são entrecortadas com cenas nas quais ‘Valéria’, a personagem feminina principal, conscientiza suas meretrizes sobre a necessidade de prevenção às doenças sexualmente transmissíveis (DSTs).

Uma seqüência chama a atenção: trata-se de uma ‘trepada assassina’, um *ménage à trois* entre Celso Aids e duas prostitutas da ‘Gozoteca’. Composta de planos curtíssimos (do estilo clipe) que ora focalizam e ora deixam *flous* diversos *close*s de bocas, ventres, coxas, púbis, mas, jamais o pênis..., as imagens rápidas parecem acompanhar o ritmo do *rap*, cuja letra diz:

Alô Valéria, aqui é o Celso Aids.
Eu te amo Valéria, eu te quero.

⁶ Nome dado pelos roteiristas da trama – Fausto Fawcett e Victor Lopes.

⁷ Papéis desempenhados por Zezé Mota, Suzana Vieira, Elke Maravilha, Scarlet Moon, Cristina Ribeiro, entre outras atrizes de renome. O elenco é global, e a equipe técnica formada por grandes nomes: fotografia de Walter Carvalho; coreografia de Débora Colker, entre outros.

Vou te pegar Valéria.
 Tuas coxas dizem: me pega,
 Teus olhos dizem: me leva.
 Teu rosto é de um lirismo vaginante,
 Você é a Vênus do meu sórdido sexo foraz.⁸

A sensação é a de estar assistindo a um vídeo pornográfico bem filmado, apesar de os produtores afirmarem, na sinopse, que as imagens “apresentam o universo da prostituição com bastante criatividade”. Uma criatividade inquietante para um vídeo que se propõe educativo e que “é utilizado pelos principais projetos de prevenção do Brasil”, pois, as imagens e músicas deixam transparecer a dúvida sobre se, de fato, é sobre a sexualidade e ações preventivas de que trata o vídeo ou se, em outra direção, a violência assumiu um lugar potencial na narrativa. Ao apresentar constantemente o sexo associado à violência, o vídeo parece mostrar o que Menezes (2001) chama de “a violência questionadora”, expressa em vários filmes da década de 1970, nos quais sexo e violência eram o foco principal e primordial das indagações. Vejamos, por exemplo, a cena final de *Vênus de fogo* na qual a letra do *rap* ganha mais espaço e presença na tela do que a imagem de Celso Aids caminhando cambaleante sobre dunas de areia:

Meu nome é Celso Aids.
 Vocês interromperam meu fluxo de fecundação
 E, por isso, vão se ‘f...’!
 Porque a vingança será total orgia de prazer.
 E eu digo em nome de Plutão que pernas, braços, olhos serão arrancados,
 Queimados e transformados em *souvenir* de infelicidade e azar.
 Cada língua será arrancada num chupão só.
 (...)
 Meu nome é Celso Aids.
 Vou matar, esfolar, contaminar gente de todo o tipo e de todas as idades
 Recém-nascido a velhinhos
 Menores putinhos, menores putinhas
 Eu vou contaminar,
 Eu vou pegar... [termina com palavras impróprias à publicação].

⁸ Nos créditos, não há especificação dos autores de cada música apresentada no vídeo. Consta somente Carlos Laufer e Marcelo de Alexandre.

A mensagem preventiva veiculada por este vídeo só é percebida nas entrelinhas da narrativa visual, cuja trama dramático/ficcional dificulta a decodificação da informação. Diria que, para um vídeo educacional ou de ação intervencionista, *Vênus de fogo* é surreal. Entretanto, como toda imagem, supõe leituras diferenciadas e mesmo antagônicas –, este trabalho ganhou o prêmio de melhor vídeo educativo no Festival TAM.

Passemos agora ao vídeo *Os tecnozeus*, cujo título lembra mais filme de ficção científica do que vídeo educacional. Assim como o título, as primeiras imagens são *flashes* de acontecimentos ocorridos ao longo do século XX que despertam o espectador para fatos/objetos datados historicamente, antes que possa refletir sobre aquilo que está vendo. A voz impostada, pausada, da atriz Joana Fomm conduz este caleidoscópio de imagens:

1991: os anos que antecedem a virada do milênio. Os pares de olhos da humanidade, estupefatos, assistem pela tela da TV, ao vivo, os bombardeios sobre Bagdá e Tel Aviv. A guerra, para a maioria dos telespectadores, transformou-se em videogame, videomíssil; os vencedores, a precisão, a exatidão, a tecnologia, alta tecnologia – em inglês: *bitec*.

Eis o mote que sugere o tema a ser desenvolvido pelo vídeo – algo em torno de novas tecnologias – logo confirmado pela entrada do título, embalado por uma música contemporânea. A narração continua:

o animal racional que nascia no começo deste século [imagem: fotografia de uma menina vestida à moda antiga], não poderia imaginar as profundas transformações sociais, políticas, culturais e, sobretudo, científicas a que sua espécie assistiria nas décadas subsequentes [Este trecho da narração é ilustrado com imagens de época das grandes invenções do século: rádio, telefonia, aviação, bomba atômica, lançamento de foguete e homem chegando à Lua]. Empolgados, enfeitiçados e, às vezes, estarecidos com os próprios feitos, os seres humanos norteados pela ciência perseguem o desejo onipotente de desvendar os mistérios da vida e da morte. O anseio de criar vida artificial é muito mais antigo do que se imagina. No século passado...

E segue assim, narrando experiências e invenções até entrar, de fato, na questão central do vídeo: os riscos e os aspectos éticos da inseminação artificial.

Em 3 minutos e 40 segundos percorremos o século XX, dirigidos pelo texto narrado e pelas as imagens a ele coladas. Só no final desse percurso é que

as diretoras apresentam os testemunhos de mulheres que se submeteram à inseminação artificial. Tempo longo para a abertura de um vídeo que tem 18 minutos, ainda que pretenda introduzir o espectador(a) na questão. Entretanto, este é um dos vídeos da coleção que apresenta a informação de forma mais clara, contendo depoimentos ricos que narram as experiências positivas e negativas, apresentando informações sobre os procedimentos, o alto custo e tendo por base o debate em torno das questões éticas: banco de espermatozoides, escolha do material genético, manipulações... Se a abertura é longa, a seqüência final peca pelo sentido apelativo, divulgando imagens das novelas *Barriga de aluguel* e *O sorriso do lagarto* e de capas de revistas, ainda que seguidas de texto crítico ao papel da mídia na difusão de novos valores e comportamentos.

Como nem todos conseguem transmitir a informação através do processo narrativo que escolheram, eles apresentam, no final, textos ou narrações longas para explicar o que não conseguiram expressar com imagens e depoimentos. Raros são aqueles que, ao final, deixam tempo para a espectadora refletir sobre o que acaba de assistir, sem ser bombardeada com lições de moral ou palavras de ordem. Vejamos, por exemplo, alguns deles:

denunciamos a solidão que nos é imposta na vivência da capacidade reprodutiva, a ausência de homens nesse debate e a perversidade que ronda o sistema de saúde. Que conseqüências sobre os corpos se anunciam com as novas tecnologias? Que mudanças trarão para o cotidiano e para a nossa existência política? Estas são questões, cujas soluções determinam o futuro próximo. Para interferir, de fato, sobre essas definições é preciso que tenhamos sociedades compostas por mulheres e homens autônomos, capazes de escolha e decisão. Acreditamos que somente assim serão rompidos os ciclos de manipulação e miséria que impedem a construção de democracias...

vocês viram que, às vezes, os sonhos e medos infantis atrapalham mais do que ajudam, principalmente para nós, mulheres, que achamos sempre que devemos fazer as vontades dos homens. É por isso que é tão difícil pedir para eles usarem a camisinha! Mas, como essa é a única maneira de se proteger contra o vírus da Aids, o vilão, o inimigo n. 1 da vida. As mulheres têm que fazer os homens entenderem que a segurança do casal depende delas. Usar a camisinha não obriga ninguém a abrir mão das suas fantasias sexuais.

Para finalizar:

Faça algo pelas pessoas e pelo planeta Terra. Vamos colocar a mão na massa do mundo.

ENFIM, SÃO VÍDEOS PARA QUEM?

A proposta do CNDM é clara: estimular o debate sobre a mulher, oferecendo subsídios/recursos para os projetos educativos preventivos. Contudo, são poucos os vídeos que deixam transparecer para quem são elaborados, embora, nas sinopses (redigidas pelo CNDM?), afirmem que serão usados em projetos de prevenção, em escolas de 2ª Grau, em grupos de mulheres adultas, grupos mistos e grupos de adolescentes... Ou seja, um visionamento coletivo. Surge então, outra questão: esses vídeos tratam, sobretudo, de questões que permeiam a intimidade feminina, de relações sexuais e afetivas, transmitindo, assim, uma mensagem específica e que exige um espaço particular de recepção. Não podem ser os auditórios, as reuniões coletivas onde se aglutinam os diversos segmentos da sociedade (gênero, classe social), pois, como afirma Leal, “não podemos desvincular o receptor de seu espaço social de recepção, e esse espaço social é diferenciado e institui sociabilidades e modalidades diferenciadas de recepção” (1995: 119). Assim como o processo de construção da narrativa deve contemplar as representações e valores modeladores da subjetividade dos sujeitos filmados, o processo de divulgação da informação deve considerar o contexto sociocultural para o qual ela é destinada.

Na antropologia visual, consideramos que um vídeo etnográfico deve expressar a perspectiva/olhar do observador/filmador e daquele que é observado/filmado sem, contudo, jamais esquecer o terceiro elemento desse jogo de olhares: o espectador, ou seja, aquele para quem essas imagens são produzidas.⁹ O mesmo triplo de olhares pode ser pensado para o vídeo educativo ou o vídeo de intervenção social. Nesse sentido, os vídeos que aca-

⁹ Uma prática cara aos antropólogos visuais é o retorno da imagem às pessoas filmadas, o que chamamos de *feed-back* e que nos permite compreender melhor o que estrutura e define o Outro que estudamos, pois “implica nosso encontro com um pensamento e uma cultura diferentes, seja em seus conceitos de identidade e de alteridade, em relação ao problema da realidade e representação, ou ainda quanto ao lugar do visual nos modos de expressão” (Deshayes, 1996: 53).

bamos de analisar expressam, principalmente, o olhar dos seus diretores(as) e dos sujeitos filmados. Raros são aqueles que se preocupam com o receptor/espectador. Ou seja, interessam mais aos seus ‘utilizadores’ (agentes sociais, pesquisadores...) do que ao público que pretendem alcançar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Coleção Videoteca da Mulher¹⁰

1. *Aborto legal*, 32 min.
Direção: Reginaldo Bianco
Realização: Estudos e Comunicação em Sexualidade e Reprodução Humana (Ecos)
Produção: Três Laranjas Comunicação
2. *Acorda Raimundo... acorda*, 15 min.
Realização: Ibase Vídeos, Iser Vídeo
Produção: Ibase Vídeos, Iser Vídeo
Elenco de atores profissionais
3. *Contos modernos*, 10 min.
Direção: Nelson Nadotti
Realização: Instituto de Ação Cultural (Idac)
Produção: Idac, PNDST/Aids – Ministério da Saúde
Roteiro: Mariska Ribeiro, Marcus Moraes, Xando Graça
Elenco de atores profissionais
4. *Controle de qualidade*, 9 min.
Direção: Susana Afran
Produção: Caces/Cedi/Cemina/CIM/ Comulher/Geledes/Idac/
RedeH/S.O.S. Corpo, Grupo Fêmea, Coletivo Feminista de Saúde e Sexualidade
Roteiro: Rosiska Darcy de Oliveira, Shuma Shumaher, Susana Afran

¹⁰ As datas de realização não constam dos vídeos, nem das sinopses do catálogo da CNDM. Tudo indica que foram realizados nos primeiros anos da década de 1990, pois algumas sinopses assinalam a participação em eventos ou festivais e mostras de cinema educativo e documentário.

5. *Em busca de saúde*, 15 min.
Direção: Ângela Freitas
Realização: S.O.S. Corpo – Gênero e Cidadania
Produção: S.O.S. Corpo
6. *A magia da sobrevivência*, 15 min.
Direção: Ângela Mascelani
Realização: Curumim
Produção: Grupo Curumim, Unicef
7. *Mão na massa*, 17 min.
Direção: Márcia Meireles e Maria Angélica Lemos
Realização: Comulher, Cemina/Redeh
Produção: Cemina/Unifem
Elenco profissional
8. *Por que cesárea?*, 15 min.
Direção: Ângela Mascelani
Realização: Curumim
Produção: Grupo Curumim, Unicef
9. *Retratos de mulher*, 15 min.
Direção: Carmem Barroso
Produção: Fundação Carlos Chagas
Roteiro: Carmen Barroso
10. *Sexo, giz e apagador*, 30 min.
Realização: Grupo Transas do Corpo
Produção: Três Laranjas Comunicação
Elenco: ator profissional e alunos e professores
11. *Os Tecnozeus*, 18 min.
Direção: Silvana Afran e Regina Barbosa
Realização: Ibase Vídeo
Apoio: Fundação Ford
12. *Todos os dias são seus*, 30 min.
Direção: Márcia Meireles e Maria Angélica Lemos
Realização: Geledês, Instituto da Mulher Negra

13. *Transas do corpo*, 26 min.
 Realização: S.O.S. Corpo– Gênero e Cidadania
 Produção: TV Viva, S.O.S. Corpo
14. *Vênus de fogo*, 36 min.
 Direção: Victor Lopes
 Realização: PIM/ISER
 Produção: Antevê, Iser Vídeo, ABF, Ministério da Saúde, Bemfan
 Elenco de atores profissionais
 Argumento: Fausto Fawcett e Felipe Miguez

Livros citados

- BÉLISLE, C. Cinéma scientifique et médias interactifs. *CinémAction*, 38: 132-139, 1986. (La science à l'écran)
- DESHAYES, P. Uma experiência de *feed-back*. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, NAI/PPCIS/Uerj, 3: 53-55, 1996.
- LEAL, O. F. Etnografia de audiência: uma discussão metodológica. In: WILTON DE SOUSA, M. *Sujeito: o lado oculto do receptor*. São Paulo. Brasiliense, 1995.
- MATTELART, A. e M. *Histoire des Théories de la Communication*. Paris: La Découverte, 1997. (Col. Repères, n. 174)
- MENEZES, P. *À Meia-Luz: cinema e sexualidade nos anos 70*. São Paulo. Ed. 34, 2001.
- MULVEY, L. Visual pleasure and narrative cinema. *Screen*, 16(3): 6-18, 1975.
- PEIXOTO, C. Caleidoscópio de imagens: o uso do vídeo e sua contribuição à análise das relações sociais. In: FELDMAN-BIANCO, B. & MOREIRA LEITE, M. (Orgs.) *Desafios da Imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. São Paulo: Papirus, 1998.
- VARGAS, E. & SIQUEIRA V. H. Sexualidade e corpo: o olhar do sujeito através das imagens em vídeo. *Cadernos de Saúde Pública*, 15(supl. 2): 69-83, 1999.
- TISSERON, S. Faut-il avoir peur des jeux vidéo? *Sciences et Techniques Educatives*, 4(1): 99-105, 1997.